

Psicanálise na UTI – morte, vida e possíveis da interpretação

Autora: Fernanda Sofio

Editora: Escuta/Fapesp, São Paulo, 2014

Resenhado por: Renato Tardivo,¹ São Paulo

Vida severina

E não há melhor resposta
Que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida
(João Cabral de Melo Neto, 1994, p. 60)

Psicanálise na UTI – morte, vida e possíveis da interpretação retoma a entrada da autora, Fernanda Sofio, na psicanálise, em seu primeiro estágio pós-graduação, ocasião em que foi psicóloga em UTIs de adulto de um hospital geral universitário. Essa experiência já havia sido ressignificada ao longo de seu mestrado em psicologia pela PUC-SP em sua dissertação, defendida em 2007. Nesse sentido, o livro ora publicado parte do – e se movimenta pelo – debruçamento da autora sobre camadas de sua própria experiência, um trabalho realizado em temporalidade *après-coup*.

Sofio apresenta no primeiro capítulo as noções centrais da Teoria dos Campos – pensamento psicanalítico proposto por Fabio Herrmann – acerca da interpretação, mapeando de início o modo com que ela vem trabalhando em psicanálise ao longo das diferentes camadas, estas reunidas nesse livro. Escreve a autora:

Tem-se pensado, cada vez mais veementemente, a psicanálise como método interpretativo. A ideia é que Freud criou teorias a partir desse método, não o contrário. A crítica se faz, particularmente na Teoria dos Campos, de que os psicanalistas, depois de Freud, frequentemente ficaram presos na compreensão das teorias e não se debruçaram sobre a depuração do método interpretativo. (p. 21)

1 Psicanalista e escritor. Mestre e doutorando em psicologia social (IP-USP), professor do Centro Universitário São Camilo, autor dos livros de contos *Do avesso* (Com-arte/USP) e *Silente* (7 Letras) e do ensaio *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura Arcaica* (Ateliê/Fapesp).

Assim, no esteio da Teoria dos Campos, Sofio pensa as possibilidades contidas na interpretação por meio do conceito de ruptura de campo. Acompanhemos passagens elucidativas a esse respeito: “*Campos*, de acordo com esse pensamento, são as regras ocultas que geram sentidos, implicados na fala ou ação do paciente” (pp. 24-25). E ainda:

A ruptura de campo é a ação que define a interpretação e que, ao mesmo tempo, resulta dela. Implica uma “ruptura” na rede de sentidos que vigora na comunicação humana, e acontece pelo desencontro de escutas, pela escuta num campo diferente daquele proposto de início. (p. 25)

Com efeito, o pensamento original e criativo de Fabio Herrmann amplia as possibilidades contidas na psicanálise, uma vez que, desse ponto de vista, esta não se prende à técnica ou à teoria, embora se valha delas, mas é no método interpretativo que ela encontra a sua especificidade. Decorre daí a noção de clínica extensa, outra forma de nomear a psicanálise, mas que preconiza a superação das molduras, uma clínica para além do *setting* preestabelecido que, nessa medida, é “uma psicanálise criativa, que tem a possibilidade de fazer leituras do homem, do mundo, do homem no mundo” (p. 28).

É nesse âmbito que Fernanda Sofio retoma o seu estágio nas UTIS, com o objetivo de, “considerando as concepções de interpretação psicanalítica e de psique da Teoria dos Campos, tomar a própria UTI como paciente” (p. 35). Esta é uma das metáforas mais belas e fundamentais do trabalho: a paciente UTI. Pela perspectiva da clínica extensa, opera-se uma inversão do dado, do instituído: é a Unidade de Terapia Intensiva que demanda escuta, uma vez que se trata de um espaço que se propõe asséptico, coisifica os pacientes (literalmente chamados por números correspondentes aos seus leitos) e por onde transitam profissionais que muitas vezes nada podem fazer diante da morte irremediável. A autora conta:

Procurei escutá-la pela via do exercício da função terapêutica da psicanálise. Parece esquisito escutar sem ouvir. Mas o que se mostra é que a escuta psicanalítica não está unicamente atrelada à fala. Nas psicanálises do cotidiano, é possível escutar também o que não “ala”. (p. 36)

Um trabalho que lida com a finitude da vida, com o (pouco) tempo que resta, e que se desenvolve em *après-coup* não poderia deixar de ser, também, um trabalho sobre o tempo. Ao incluir a temporalidade em suas reflexões, Sofio assume as definições de Fabio Herrmann de tempo curto, tempo médio e tempo longo para caracterizar os tempos da escuta do analista, bem como a temporalidade do futuro do pretérito, que marca as autorrepresentações do paciente. Assim, os diálogos ocorridos na UTI são tomados como tempo curto; a paciente

lá internado (campo transferencial), como tempo médio; e a história que se revelou das intervenções (história do paciente e da análise), enquanto tempo longo. De acordo com Herrmann, esses tempos não são cronológicos e tampouco excludentes. Em vez disso, apresentam-se simultaneamente, embora seja possível, conforme a divisão descrita acima, considerá-los em suas especificidades. E, com efeito, considerando os três tempos, a autora opera uma análise minuciosa apresentada no capítulo dedicado à psicopatologia do paciente de UTI. Questões que surgiram – a angústia sobre amputar ou não a perna de uma paciente; o sangue que vazou da bolsa, “o encoberto, representativo do absurdo que deveria ficar oculto” (p. 59), entre outras –, tomadas em consideração, foram revelando o que a autora chama de “tempo do sobressalto”: a UTI “é a última instância” (p. 67).

Após o trabalho reflexivo a partir dos tempos curto, médio e longo, a autora apresenta mais demoradamente dois casos – ou, para utilizar suas palavras, de “encontros terapêuticos” (p. 69) – que preparam o desfecho do trabalho com a proposta de um “quarto tempo”. Destaco aqui o “paciente triplo” (p. 75), compreendido por Severino, Gerasim (os nomes dos pacientes são fictícios) e pelo neurocirurgião. Esse paciente talvez seja paradigmático de todo o trabalho apresentado no livro, dados os seus atravessamentos (entre dois pacientes, psicóloga e médico), as possibilidades e limites da função terapêutica, além da sensibilidade da autora em apreendê-los – em certa medida, já antecipando os rumos que suas investigações tomariam, mais notadamente as contidas em *Psicanálise como forma literária: Literacura*, livro ainda no prelo que é fruto do seu doutoramento em psicologia social na Universidade de São Paulo e que aborda a interface da psicanálise com a literatura.

O capítulo final, intitulado “Quarto tempo”, propõe “uma nova maneira de considerar todo o processo que se deu e as reconsiderações dessa história no futuro” (p. 87), isto é, um “novo tempo longo”, a partir dos apontamentos de Fabio Herrmann, então orientador de Fernanda Sofio no mestrado, proferidos no exame geral de qualificação. Herrmann atentou, na ocasião, para a analogia entre a linguagem da fotografia, tal qual proposta por Vilém Flusser, e a clínica extensa. A ideia principal de Flusser é a de que não há fotógrafo ingênuo, uma vez que sua escolha se pauta sempre em função do seu aparelho. Nessa mesma medida se dá o trabalho em clínica extensa, visto que a produção de sentidos parte do exercício do método e do que o seu projeto permite. Segundo Sofio:

Estamos pensando o ato clínico como aquilo que o analista “clica” do seu paciente, analogamente à forma como Flusser está definindo a realidade, isto é, como a imagem que aparece na fotografia. Tal imagem do mundo está condicionada pelo aparelho e pelo olhar do fotógrafo. (p. 91)

E, assim, Fernanda Sofio termina o livro com a questão da representação, já que o trabalho clínico se presta a trabalhar com as representações do paciente e não com a realidade tomada apenas em sua materialidade. Sugestivamente, a proposição do quarto tempo em analogia com a linguagem da fotografia implica, do ponto de vista da autora, retornar uma vez mais ao vivido e empreender-lhe ressignificações. Há nesse movimento a temporalidade do futuro do pretérito, sobre a qual Herrmann também discorreu em sua obra; o tempo do “condicional, das autorrepresentações do paciente”, pois “na interpretação psicanalítica, o passado ‘passa a ter sido outro’, transformando-se o presente, futuro desse novo passado, tornado indiscutível uma vez que se criou” (p. 94). Terminar o livro dando voz às considerações de Fabio Herrmann (orientador e autor de referência de Sofio) no exame geral de qualificação é ainda mais significativo, visto que Fabio Herrmann faleceria um mês após o exame.

A leitura desse belo e cuidadoso trabalho indica que a passagem da psicanálise (moribunda) *na* UTI para a psicanálise (potente) *da* UTI só é possível se houver disponibilidade para a tomada de contato com a morte; dessa perspectiva, morte que traz vida. Não é aleatória a menção que a autora faz à *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, quando analisa o paciente triplo. Afinal, é sempre disso que se trata.

Referência

Melo Neto, J. C. (1994). *Morte e vida severina – e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Renato Tardivo
rctardivo@uol.com.br

Recebido em: 17/11/2014
Aceito em: 21/11/2014